

volume

17

Dezembro/2011

volume

18

Dezembro/2012

ISSN 01516-2095

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar  
Gonçalves Borges  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz  
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani  
Gonçalves Ávila

Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.  
Manoel de Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes  
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.  
Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta  
Trierweiler

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso  
Amaral

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social  
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes

Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

**CONSELHO EDITORIAL**

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.  
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera  
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editor:* Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição:* 2011-2012

ISSN – 1516-2095

**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de  
Ciências Humanas. Universidade Federal de  
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –  
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

*e-mail:* ndh.ufpel@gmail.com

## O PAPEL DO MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL NA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UMA FOTOGRAFIA

Cristiano Gehrke\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo sobre uma fotografia que faz parte do acervo fotográfico do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM). Trata-se da fotografia de um casal de idosos, cuja cópia foi doada ao Museu por duas famílias diferentes, sendo que cada família fez uma identificação distinta dos personagens nela representados. Pretende-se analisar a relevância desta fotografia, na medida em que é reivindicada por diferentes atores sociais. Tal reivindicação pode estar relacionada ao momento em que há a valorização da memória da etnia italiana através da criação do MECOM, considerado o local como o mais representativo da etnia, na região da Serra dos Tapes.

Como aluno do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, cursei a disciplina de Fotografia e Memória, ministrada pela professora Francisca Ferreira Michelin. A avaliação da disciplina tinha como proposta a escolha e análise de uma fotografia que para nós fosse considerada uma fotografia memorável, e a partir dela desenvolver uma reflexão sobre as motivações da importância desta fotografia.

Acabei optando por uma imagem não conhecida, mas bastante emblemática, que faz parte do acervo fotográfico do Museu Etnográfico da Colônia Maciel.

---

\* Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas e Mestrando do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da mesma Universidade. Agencia Financiadora: CAPES. E-mail: cristianokehrke@gmail.com



Figura 1: *César Schiavon e esposa*. Nº de inventário: 05.01.0830 e 07.01.1191

Fonte: Acervo do MECOM.

Visando aperfeiçoar esta análise, fez-se um estudo baseado na bibliografia trabalhada na disciplina, além de uma pesquisa de campo no Cemitério da Colônia Maciel, bem como uma análise do Livro Tombo da Paróquia da Sant'Anna, do acervo de História Oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, além de uma vasta pesquisa bibliográfica referente à imigração italiana na região colonial de Pelotas.

A primeira vez que tive contato com esta fotografia foi em 2005, quando acompanhado com outros membros da equipe do Museu, visitei a residência do Sr. José Luis Romano, com o objetivo de buscar um objeto que este havia demonstrado interesse em doar ao Museu.

Chegando à residência do Sr. José, fomos recebidos por ele e sua esposa. Fomos convidados a sentar na sala de sua casa, para que descansássemos e conversássemos um pouco. Esta conversa fez com que

o nos fosse apresentada uma maleta.

Maleta esta, cujos sinais da passagem do tempo eram já bastante evidentes, e para a nossa surpresa, a mesma estava cheia de fotografias, cuidadosamente guardadas naquele local com o único objetivo de “as salvar da degradação”.

Tem início então, algo bastante interessante: o Sr. José retirando fotografia por fotografia da maleta, começa a identificação dos personagens ali retratados e narra o contexto em que estas imagens teriam sido produzidas. Dentre as fotografias, havia uma em especial que me chamou a atenção: era uma fotografia do tipo *close* na qual aparecia um casal, de idade já avançada.

O Sr. José Romano fez a identificação dos personagens que apareciam na fotografia. Segundo ele, eram seus bisavós, o Sr. Josué Romano e a esposa, da qual ele não mais recordava o nome. José nos relatou que o casal viera da Itália junto com as primeiras famílias entre 1884/86, e se instalara na Vila Maciel, no chamado *barracón*, juntamente com as demais famílias.

Visando confirmar tal informação, fez-se uma análise do Livro Tombo da Igreja da Paróquia da Sant’Anna.

Com esta consulta, pode-se perceber que lista apresentada no mesmo, não constava o nome *Josué Romano*. Consta porém, o nome de *Josué Bonnano*, o que por sua vez, poderia ser entendido como um erro de grafia, já que o Livro é manuscrito. Poderia também ter ocorrido uma modificação na grafia do nome, o que era bastante comum no período em questão, quando ocorre uma espécie de “*abrasileiramento*” de vários nomes.

Porém não querendo trabalhar apenas com hipóteses, mas sim com dados concretos, e visando comprovar as informações, optou-se em continuar a pesquisa para descobrir a verdadeira identidade do casal apresentado.

Algumas semanas depois, novamente a mesma fotografia nos foi apresentada, desta vez pelo Sr. Adão Luis Schiavon.

O Sr. Adão Schiavon, ao fazer a doação da imagem, nos relatou que os personagens da fotografia seriam seus bisavós, cujos nomes seriam César e Adelina Schiavon, e que ambos vieram da Itália.

Tínhamos então neste momento, um problema: foi-nos apresentada a mesma fotografia, duas vezes, porém com identificações

distintas.

O que fazer? Quem está certo? Qual informação seria a verdadeira? Foram as perguntas que me fiz naquele momento.

Devido à forte carga emocional, geralmente presente em momentos em que alguém se desfaz de um objeto, para que este integre a coleção de um Museu, julgou-se não ser conveniente fazer um questionamento sobre a veracidade ou não dos fatos narrados.

Sabía-se que uma informação havia sido confirmada por ambos os doadores: o casal teria vindo da Itália para o Brasil entre os anos de 1884-86. Além disso, tínhamos outra certeza: os dois doadores, Sr. José Luis Romano e o Sr. Adão Luis Schiavon, não tinham entre si qualquer grau de parentesco, que pudesse explicar a posse de ambos, da fotografia.

Mas a dúvida era: quem de fato teriam sido os dois personagens representados nesta fotografia? Que importância teriam tido eles para que mais de uma pessoa buscasse algum grau de parentesco com eles? Se não fossem parentes como se explica o fato de ambas as famílias tenham, na sua coleção mesma fotografia?

As dúvidas eram muitas, mas havia uma série de outras atividades a serem feitas e as respostas deveriam esperar.

Realizando o trabalho de descrição das fotografias, na etapa de catalogação das mesmas, fui novamente surpreendido: o senhor presente na fotografia, objeto de análise deste, aparece em outra imagem.

Tratava-se de uma fotografia, que retrata um grupo de homens provavelmente pertencentes a um coral, e que eram os representantes dos primeiros imigrantes vindos para a colônia de Pelotas. A respeito desta fotografia, Cerqueira, Peixoto e Gehrke, em recente artigo, colocam que em visita a residência do Sr. Jacob Ceron, estes foram apresentados a uma imagem da qual a equipe do museu já havia tido contato. Era a fotografia dos primeiros patriarcas das primeiras doze famílias que, vindos do porto de Rio Grande, após sua chegada no Rio de Janeiro, simbolizavam a unidade étnica do grupo, uma vez que eram todos imigrantes vindos da Itália e fundadores da colônia (Cerqueira, et all. 2009).

Com este fato, tínhamos uma possibilidade de identificação do senhor, uma vez que quase todos os personagens da foto estavam identificados. Os mesmos foram identificados pela primeira vez pelo Sr. João Casarin, em uma entrevista realizada no ano de 2001, e que se encontra no acervo de História Oral do MECOM.

Desta forma, pode-se fazer um cruzamento de informações, uma vez que duas pessoas fizeram a identificação dos personagens presentes nesta fotografia. Podia-se neste momento, dar um segundo passo: por comparação, era possível fazer a identificação do senhor que nos foi apresentado na primeira fotografia.

O senhor presente nas duas imagens era *César Schiavon*, nome que aparece também, no Livro Tombo, na lista dos primeiros imigrantes vindos a Colônia Maciel.

O Sr. César seria um agricultor, cujo apelido era Zanete, e teria vindo na segunda leva de imigrantes, que chegou aqui em Pelotas por volta de 1887.

Estava por fim resolvido o mistério da identidade dos personagens da fotografia. Mas ainda haviam questões a serem esclarecidas.

\*\*\*

Uma fotografia amarelada, com dobras, sinais do ataque de fungos, colada em um papelão já gasto nas laterais. Fazendo uma observação mais detalhada da fotografia percebe-se que a mesma foi colada neste papelão como forma de preservação, visto que apresenta sinais de cortes (rasgos). Esta fotografia, retratando um casal de senhores, sentados em frente a um vaso com uma flor.

Desejosos de preservar para sempre a sua imagem, este casal optou em ser retratado um ao lado do outro, em uma fotografia com bastante nitidez, que permite que sejam visualizadas as marcas de expressão em seus rostos. Tal ângulo geralmente era utilizado não para fotografias, mas para retratos pintados, nos quais poderiam ser disfarçadas algumas marcas de expressão não muito desejosas de serem perpetuadas.

Fotografias deste gênero eram muitas vezes produzidas, para que futuramente fossem pintados retratos. Porém, nenhum dos doadores da fotografia sabia da existência de um quadro, o que nos leva a crer que o mesmo não tenha sido produzido.

Procedendo uma análise iconográfica da fotografia, podemos tirar algumas conclusões: a posição de ambos, confirma o papel de submissão da mulher perante o homem, uma vez que a mesma teve a sua imagem fixada ao lado esquerdo do marido, um pouco a frente do mesmo, dando a impressão de que ele a estava protegendo, de ser o seu protetor, seu “guarda-costas”

O casal procurou não disfarçar a idade, por meio do afastamento

da máquina fotográfica, diferentemente do que acontece com outros personagens de outras fotografias existentes no acervo do Museu.

Conforme as entrevistas que fazem parte do acervo do Museu, os primeiros anos dos imigrantes foram bastante difíceis, devido a limitações financeiras, o que nos leva a crer que provavelmente as roupas que os mesmos estavam trajando deveriam ser as únicas que possuíam.

Tal informação fica mais convincente, se observarmos as duas fotografias em que aparece o Sr. Cezar Schiavon, onde ele é retratado com o mesmo paletó.

Na fotografia, a esposa do Sr. Cezar, que de acordo com o Sr. Adão, seria a Sra. Adelina Schiavon, está representada com um grande casaco, que aparenta ser de lã, com grandes botões. Ela não fez questão alguma em mostrar penteados rebuscados como era bastante comum em fotografias daquele período, pelo contrário, ela preferiu ser retratada da mesma forma como provavelmente andava no seu dia-a-dia, com um par de brincos simples, e um lenço atado na cabeça, com o objetivo de evitar ao máximo ser necessário mexer no cabelo, já que as inúmeras tarefas exercidas pela mulher não lhe permitiam perder tempo cuidando da aparência.

O papel da mulher em sociedades patriarcais era bastante importante, ela além de cuidar da casa e dos filhos, garantir que estes tivessem uma boa educação de acordo com os preceitos da religião católica, era responsável ainda pelo preparo da comida, e ajudava o marido nas atividades agrícolas

Não se tem certeza da datação exata da fotografia, mas dados prosopográficos indicam que esta foto tenha sido tirada em torno de 1920.

Uma observação mais atenta do vaso colocado propositalmente atrás do casal, que abriga uma herbácea da família das *cactaceae*, popularmente conhecida por flor-de-maio, planta que costuma ser cultivada em vasos e cuja floração que pode variar das cores róseas, vermelhas, brancas ou amareladas, ocorre no período compreendido entre os meses de maio e julho<sup>1</sup>. O que nos indica, que devido à quantidade de flores que a planta apresenta, a imagem veio a ser produzida entre estes meses.

No bolso do Sr. Cezar, vemos um ramo de um arbusto,

---

<sup>1</sup> [www.casaecia.arq.br](http://www.casaecia.arq.br), acessado em 30/01/2010.

popularmente conhecido como buxinho. Esta é uma das plantas mais utilizadas em paisagismo, e está sempre presente em jardins estilo francês e italiano, na forma de cercas-vivas aparadas formando desenhos geométricos perfeitos. Apresentam-se, atualmente, em frente ao Museu Etnográfico da Colônia Maciel, dois exemplares deste arbusto, que de acordo com análises realizadas no acervo fotográfico do Museu, datam da época de construção do prédio onde este está albergado, ou seja, da década de 1920.

Os ramos de tal arbusto, em áreas rurais são comumente utilizados, ainda nos dias atuais, como uma forma de proteção. Seus galhos são colocados atrás da orelha, num bolso, nos cantos da residência ou atrás de quadros pendurados em paredes, o que acaba indicando a religiosidade dos indivíduos.

No verso da fotografia há uma inscrição de lápis roxo com o provável nome do fotógrafo (F. Camargo) e o preço pago pela fotografia (C\$5000).

Na bibliografia consultada, não foi possível identificar este fotógrafo. Sabe-se que, baseado nas entrevistas do acervo do MECOM, este seria natural de Canguçu, e que o mesmo era uma espécie de “fotógrafo itinerante”, ou seja, o mesmo percorria principalmente as regiões coloniais de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul, retratando os moradores da região.

Dentre as fotografias que hoje fazem parte do acervo do MECOM, quinze delas são deste fotógrafo. Pretende-se futuramente fazer um estudo mais aprofundado sobre a biografia e a trajetória de atuação deste, o que poderá oferecer uma série de contribuições para uma análise mais profunda do acervo.

Sabe-se, por meio da análise de entrevistas e da bibliografia existente, que a vida das primeiras famílias que habitaram a Colônia Maciel, era bastante difícil, pois as limitações financeiras eram grandes, já que estas, quando migraram para esta região, vieram atrás de uma vida melhor, eles saíram de seu país em busca do chamado “*paese de la cocagna*”, ou seja, saíram atrás de melhorias na sua vida, uma vez que, a Itália na época, passava por uma série de problemas de ordem social, política, econômica e religiosa.

Isto corrobora o fato de registros fotográficos, que datem do final do século XIX e início do século XX, sejam pouco comuns naquela região,

uma vez que a fotografia era considerada um supérfluo, sendo a mesma produzida, geralmente apenas em ocasiões especiais, como casamentos, crismas, confirmações, também pelo fato de ser um produto caro, uma vez que no seu valor estavam inclusos além dos gastos com os materiais de produção, gastos referentes ao deslocamento deste fotógrafo, que de acordo com relatos, o mesmo se dirigia até a região, para a produção das imagens e depois retornava com o intuito de comercializar tais imagens.

A fotografia é dotada de um simbolismo misterioso, podendo ser considerada como o símbolo da expressão cultural de um povo, neste caso os italianos: expressões firmes, rostos enrugados mostrando a pouca preocupação com a aparência e muita preocupação com o bem estar da família, o que só era garantido à custa de muito trabalho. Trabalho do qual participava tanto a mulher quanto os filhos que desde cedo já ajudavam os pais.

Conclui-se desta forma, que mesmo com limitações de ordem financeira, este casal optou em eternizar a sua imagem com uma fotografia, cujo formato geralmente, era utilizado para produção de quadros, e que provavelmente devido ao alto custo de sua produção, acabou nunca sendo produzido.

A mesma fotografia tendo sido doada duas vezes ao Museu, e seus doadores buscando algum grau de parentesco com os retratados, mostra uma espécie de valorização memorial. Este *mnemotropismo*, termo engendrado por Joel Candau, foi acentuado no momento em que ocorreu a instalação do Museu Etnográfico da Colônia Maciel naquela região. Museu este, que tem como principal objetivo fazer um estudo e divulgação da memória histórica da imigração italiana em Pelotas.

Como esta valorização da cultura italiana, e a criação deste espaço de guarda de objetos que remetem aos fundadores de tal núcleo, os atores sociais querem se ver como sujeitos da construção de tal memória coletiva, e isto, de acordo com o seu ponto de vista pode ser potencializado de diversas formas, dentre elas a cedência de depoimentos, a doação de objetos e fotografias, para compor o acervo da instituição.

Isto explica porque o Sr. José Luis Romano, buscou um grau de parentesco com os personagens da fotografia apresentada. Sabe-se, através do confronto de fontes que o mesmo não possui nenhum grau de parentesco com os mesmos. Mas a sua vontade em ser um participante ativo do processo de construção da narrativa oficial da

comunidade, fez com que o mesmo tomasse como seu um discurso que está presente na memória coletiva da comunidade. Desta forma, mesmo ele não sendo parente consanguíneo do casal apresentado na fotografia, ele se considera como tal, uma vez que os mesmos possuem em comum com sua “verdadeira” família a trajetória de abandono do seu país de origem, em busca de uma vida melhor, bem como as adversidades vividas desde o momento de sua partida até os anos que se seguiram á sua instalação na região da Serra dos Tapes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CANDAU, Joel. **Memoria e identidad**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.
- CERQUEIRA, F. PEIXOTO, L. GEHRKE, C. **Museu Etnográfico da Colônia Maciel: a trajetória de um equipamento cultural dedicado à memória da comunidade ítalo-descendente de Pelotas**. Revista Memória em Rede - 2009. Disponível em: <http://ich.ufpel.edu.br/memoriaemrede/arquivos/RelatorioFabio.pdf>, acessado em 13/12/2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **La invencion de la histeria. Charcot y La iconografia fotográfica de La Salpêtrière**. Ensayos Arte Cátedra. Ediciones Cátedra: 2007, Madrid.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imágenes pese a todo: memória visual del holocausto**. Barcelona: Paidós, 2004.
- DOMENECH, Ernesto E. **Crímen y fotografia**. La Azotea Editorial fotográfica. Buenos Aires, 2003.
- GRAMARY, Adrian. **Charcot e a Iconografia Fotográfica de La Salpêtrière**. Volume X Nº3 Maio/Junho 2008. Disponível em [http://www.saude-mental.net/pdf/vol10\\_rev3\\_leituras1.pdf](http://www.saude-mental.net/pdf/vol10_rev3_leituras1.pdf), acessado em 31/03/2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- JUNIOR, Deusdedith. **Fotografias para falar do passado**. PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos UniCEUB, FACJS, Vol.2,N.1/07. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/147/136>, acessado em 27/03/2011.
- PEIXOTO, Luciana. **Memória da imigração italiana em Pelotas / RS - Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas**. Monografia de conclusão do curso de

Licenciatura em História – UFPEL. Pelotas, 2003

SEREN, Maria do Carmo. **Metáforas do sentir fotográfico**. Porto: Centro Português de Fotografia e Rocha Artes, 2002.

**Outras fontes:**

Acervo da História Oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel.

Livro Tombo da Paróquia de Sant'Anna.